

# O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 3 DE AGOSTO DE 1862.

N. 13.

## A ESPIA

ou

### O SEGREDO DOS CARBONARIOS.

POR

FREDERIC SOULLIÉ

(Continuação)

—Na verdade, sir Henri, lhe disse a marquezza extendendo-lhe a mão, que elle apertou com a familiaridade de hum amigo, esta noite não estais de bom gosto; entráis no meu camarote arrebatado sem me cortejar, e para me fallar com enthusiasmo da belleza de huma mulher, esquecendo-vos que estou aqui, e que posso tambem querer parecer bella!

—De vós pensa-se isso, mas não se diz, respondeu seriamente sir Henri: o vosso destino he ser um anjo, e não ser bella; em vez de que esta mulher, continuou jovialmente, não a conheço; mas certamente a sua vida he ser bella, he a sua ambição, o seu fim, o seu direito. Faz estado de ser bella: sua belleza a diverte e occupa; serve-se della, he a sua conversação, o seu espirito, o seu poder: affaga-a, he sua escrava, busca-lhe homenagens: terá as minhas.

O marquez tinha deixado o jornal, e escutava sir Henri, sorrindo-se.

—Tendes julgado bem a condessa, e estais como ella entende os homens; mas com taes disposições ella vos levará longe.

—Não vos inquieteis do caminho, que andaremos juntos: sómente fazei-me chegar até ella. Não me obrigueis a buscar huma apresentação banal: vejamos: vinde: estou certo que ella vos espera.

—Tudo, menos isso que me pedis, disse Faviani: não quero vêr, nem receber a condessa: não darei hum passo que possede autorisa-la a visitar-nos, e a ter talvez mais tarde relações que me desagradarão.

—Oh! eu vos peço, disse logo a marquezza, apresentai sir Henri a esta encantadora mulher! Ella já o fez inteiramente amavel. Vede como esta noite elle he todo fogo; falla, exalta-se, italianisa-se; amanhã fará loucuras. Serei sua confidente, e será mui divertido.

—Fiavilla, respondeu Faviani com seriedade, nenhuma relação com esta mulher nos convém, por mais remota que seja.

Sir Henri não insistiu vendo o tom decidido de Faviani: sómente se pôz na frente do camarote para a seu gosto poder admirar a divina italiana. O marquez continuou a ler, e Fiavilla ficou pensativa. Huma pequena pancada foi dada á porta do camarote, e hum mancebo napolitano da intimidade de Faviani se apresentou nelle. Depois de ter cortejado a marquezza, disse a seu marido:

—Perdoai-me se vos perturbo, mas venho na qualidade de embaixador.

Sir Henri se voltou, e Fiavilla escutou com attenção.

—A condessa de Palla recebe para vós em Napoles muitos recados e cumprimentos, desejaría dar-vo-los, e vos espera no seu camarote.

—Onde eu o acompanho, disse logo sir Henri, levantando-se.

—Onde eu não irei, disse vivamente o marquez.

Todos parecerão surpreendidos desta repulsa impolitica, mas Faviani continuou, animando-se em quanto fallava: —E se devo dizer-vos os motivos, não he sua leviandade, nem sua reputação que me embarraça; mas huma convicção profunda de que ella não he estranha ás desgraças de nosso paiz, e ás traições que perdêrão nossa causa.

—Que idéa! exclamou o napolitano: a condessa de Palla, que só se chamava a louca Octavia, quando a não chamavão a bella Octavia?

—Não deixa os salões da embaixada d'Austria, disse Faviani.

—He parenta do embaixador, e sua intervenção mais de huma vez tem sido util a alguns de nós, que obtiverão, graças a ella, voltar a Napoles.

—Sei que intriga por todos e para todos, respondeu Faviani.

O mancebo napolitano se levantou a esta ultima resposta, abriu a porta do camarote, e cortejou o marquez, dizendo-lhe:

—Vejo que he impossivel combater impressão tão profunda como a vossa; deixo-vos: direi á condessa o pouco successo de minha embaixada.

—Esperai, disse Fiavilla com vivacidade, he adquirir por gosto huma inimiga poderosa.

—Com esse titulo, como com qualquer outro, desprezo a condessa, disse Faviani em voz alta. Podeis dizer-lhe o que quizerdes.

A estas palavras sir Henri estremeceu, porque acabava de ver, por entre a porta meia aberta, Octavia passeiando pelo braço de hum diplomata austriaco, e que talvez tinha ouvido Faviani: apressou-se em suspender o napolitano.

—Dizei antes a essa bella das bellas, disse com vivacidade que o capitão Henri de Lawton, amigo do marquez de Faviani, deseja apresentar-lhe suas homenagens. Depois accrescentou baixo a Fiavilla: —Arranjarei tudo isto.

—Então, disse o napolitano que o ouvira, vinde já; he huma missão que vos confio com prazer, porque confesso que me acho embaraçado.

Ambos sahirão do camarote, e se apresentarão no da condessa, onde esta já tinha entrado. Acabado o espectáculo estava ella no peristilo da opera, esperava a sua carruagem, e conversava com sir Henri. Amontoavão-se em roda della, e entre os murmurios que corrião em hum circulo de elegantes, podia ella ouvir as homenagens que se fazião á

sua belleza. De repente hum de seus admiradores, mais entusiasta que os outros, disse alto, dirigindo-se a hum moço immovel ao pé da escada:

— Vinde ver, meu caro, a senhora mais bella desta noite.

Aquelle a quem elle fallava respondeu, sem se mover:

— A mais bella senhora da noite.... ei-la ahí.

E apontou para huma mulher que descia a escada. Todos os olhos, dirigidos por estas palavras ditas em voz alta se tirarão de Octavia e se dirigirão para esta nova belleza: era Fiavilla pelo braço de seu marido. Houve logo tanta attenção para ella, que só sir Henci reparou no olhar irritado da condessa, e na expressão cruel que passou por seu rosto.

Esta pequena aventura não teve consequencia alguma; tratou-se, com tudo, della, entre os refugiados italianos, e a maior parte, sobretudo os mais rigidos, louvarão a Faviani o que tinha feito. Em pouco se não fallou mais disto, e nada parecia mesmo dever lembra-lo quando o mais simples acaso trouxe novo encontro: não foi hum desses acontecimentos singulares que reúnem tão estranhamente duas pessoas que devem nota-lo e admirar-se, não foi huma dessas circumstancias surpreendedoras que lanção hum ar de predestinação na vida de certos entes, foi huma dessas mil cousas que acontecem todos os dias, sem que ninguém repare nellas, e que só se tornão depois importantes, porque dellas sabio mas do que se podia esperar. (Continua)

## SYMPATHIA

### PAGINAS ROMANTICAS.

(Conclusão.)

Este discurso, muito pouco claro, deixou Kohler em grande perplexidade.

— Senhor, continuou com esforço seu interlocutor, melhor é acabar com uma palavra a difficuldade: amo vossa filha.

— Mas vós não a conheceis.

Heitor contou-lhe então o que se havia passado, e qual era o estado de seu coração antes de ter visto o retrato de Virginita, e como ficára possuido de amor só por vê-lo.

Kohler o ouvia, e applicando a sua filha tudo que Heitor lhe dizia de si mesmo, comprehendia emfim o coração daquelle. Heitor não se esqueceu de dizer quem era, e de mencionar o estado de sua fortuna; pois sabia muito bem que fallava a um negociante. Finalmente Kohler tomou a palavra e disse:

— Senhor, aprecio vossa franqueza, e desculpo o que ha de irreflectido em vosso procedimento em favor do sentimento que

faz commetter tantas loucuras. Podeis apresentar-vos em minha casa amanhã, e se minha filha consentir, nada se opporá a que sejaes seu esposo.

Não procurarei pintar (quando um romance começa assim, devem-se esperar duas ou tres paginas empregadas em não pintar) os transportes do feliz Heitor; nem que noite passou, nem... &c. Fallemos da entrevista dos amantes.

Kohler quando entrou em casa, disse a sua filha que um francez muito amavel tinha chegado na vespera a Pondichery, e que lh'o apresentaria no outro dia.

— Um francez! disse ella.

Este nome lhe agradava, mas ella queria alguma cousa mais... O prudente Kohler, para não perturbar o somno de sua filha, não quiz dizer-lhe mais senão no outro dia quando lhe declarou a hora em que o francez devia vir.

— Seu nome? perguntou Virginita.

— Tu já o sabes... é um poeta.

— Um poeta?

— M. Heitor Lecomte.

— Ah!

Foi tudo que ella respondeu, mas este « Ah! » valia um dithyrambo; era uma explozão do coração que revelava o passado. Ella tornou a si entretanto, porque approximava-se o momento em que Heitor devia vir. Passou-se uma hora, e um criado veio annunciar M. Heitor Lecomte.

Virginita levantou-se, Kohler foi ao encontro de seu hospede, e pegando-lhe na mão apresentou-o a sua filha. Os dous amantes olharam-se mutuamente, contemplaram-se, e ficaram por um momento sepultados em extase. A realidade estava acima dos sonhos; finalmente Kohler rompeu este mudo entretenimento de suas almas, batendo no hombro de Heitor, e dizendo-lhe: « Bem vindo sejaes! » Elle não respondeu, mas sorriu-se para Virginita, que correspondeu com um sorriso celeste.

Que mais accrescentarei?

Casaram-se—Porque será o tumulo de nossas illusões o sonho supremo dos corações que se adoram?—Para elles entretanto o casamento teve encantos desconhecidos. Foram para Paris, patria de eleição;

ahi se estabeleceram, e deram nascimento a filhos bellos como os anjos. Isto durou tres annos.

Leitores, porque não acaba aqui esta historia? Por que deve a illusão ganhar a causa contra a realidade? Porque razão deve este bello sonho de uma sympathia mutua entre dous entes unicos no mundo ser destruido pelo facto que me resta a revelar-vos? Porque, ah! porque razão a vida não é tecida pela imaginação dos poetas?

Eis o facto: é simples e triste em sua realidade.

No fim destes tres annos. quero dizer no fim do anno de 1837, morreu Heitor Lecomte. Fazeis idéa da dôr de sua mulher; quasi enlouqueceu; queria morrer tambem! Que lhe restava na terra? Ella perdia sua alma! Dôr sincera, desesperação verdadeira, que fazia partir o coração. Ah! dous corações nascidos um para o outro separarem-se para sempre! Para sempre! -- Não dizia Virginita, eu irei reunir-me comtigo no céo, a dôr gastará prontamente esta vida que não posso suportar sem ti.

A gente prudente dizia: « Ella acabará por se consolar; mas lerá tempo, e ella andará de luto toda a sua vida. »

Seis mezes se passaram, e a dôr dura ainda sem attenuação. No fim do anno, a joven viuva ia melhor com seus pezares, e era menos rigoroso seu luto. Algumas pessoas disseram em segredo que um moço muito bonito tinha feito impressão em seu coração; mas ninguem o acreditou. Entretanto, tinha acabado o decimo terceiro mez, e já não havia o menor vestigio de luto no trajar de Mme. Lecomte. No fim do decimo quarto circularam boatos de casamento começou-se a acreditar que havia alguma cousa; finalmente, no mez de março de 1839, fallava-se d'elle publicamente; e acabo de saber, oh! leitor, que Mme. Heitor Lecomte, viuva de 21 annos e bonita, contrahiu segundas nupcias nos primeiros dias de abril.

Tanto é verdade que as sympathias unicas não existem neste mundo de imperfeições.

( Traduzido « do Magazin » . ) Gore.

## A pobreza.

Vós, o'pobres, que soffreis fome, frio, e desprezos, guardai-vos de murmurar, de renunciar ao titulo glorioso dos amados do Senhor, tendo inveja da ventura apparente do rico. A menor cousa é para vós um prazer, e os prazeres mais vivos nada são para o homem opulento, que enfastiado de tudo, sentado diante d'uma mesa sumptuosamente guarnecida de manjares, tem inveja do appetite e alegria que dão mór sabor ao pão do pobre. Deus é justo, e reparte com os grandes do mundo as honras e os cuidados, e com os pobres virtuosos trabalhos e a paz d'alma.

Augmenta-se todos os dias o luxo; prova evidente de que o homem tendo em pouco a dignidade de o ser, trata de esconder debaixo d'um esplendor, que não é seu, a nudez de sua alma; sim, que elle a despojou da nobreza que lhe havia dado Deus, quando a criou, por sua incredulidade. Insensato! Tende dô de vós mesmos. Levantai uma ponta do véo que vos esconde o futuro; que é o que vedes por detras dos ricos ornatos de vossos salões, do luxo de vossas custosas galas, da elegancia de vossas equipagens?

Um jazigo, uma mortalha, e a podridão do corpo de que tanto cuidado tinheis.

E vossas riquezas, que é feito d'ellas?

Param em poder de ingratos herdeiros, que apenas conservam de vós a lembrança.

Miseraveis riquezas, de que servis, se não nos podeis resgatar nem da morte, nem do olvido? Portanto, vós pobres, não maldigais de vossa vida, aprendei a resistir com valor á força do costume. Que verdadeira grandeza seria os conservar de um homem simples no meio da alluvião de todas as vaidades! Pedi ao Senhor vos alcance a graça do caminhar, ainda que sós, na via traçada pelo Evangelho deixando dos que forem cegos a estrada larga e facil que vai ter a eterna dor, e a eternos pezares.

Desterro 62.

\*\*\*

## Saia balão.

( Extrahido )

Houve já um marido que julgou ser a saia balão motivo de divorcio, e indo procurar um letrado, alcançou delle o seguinte libello:

«Por libello crime accusatorio diz o marido descontente, contra a saia balão de sua mulher, nesta ou melhor forma da decencia.

E. S. N. F.

1. ° --Provará que a mulher do autor usa de tanta roda na saia que, quando ella se veste, ninguem mais cabe em casa, ou tem de andar mettido pelos cantos, o que é contrario ás regalias do poder material e á dignidade do chefe da familia.

2. ° --Provará que o autor está prohibido de acompanhar sua mulher, porque a immensa roda do vestido não consente que elle lhe possa dar o braço, e nem tão pouco pode ir ao lado della, porque os arcos da saia lhe vão bater nas canellas, onde tem algumas ostras.

3. ° --Provará que o autor receia que uma mulher *delgadinha*, mettida em tanto panno, com tanto arame, sendo, como é, de cabeça leve, lhe vá pelos ares cahir em algum telhado.

4. ° --Provará finalmente, que o autor não está para viver com uma mulher que anda por arames.

Nestes termos, pede-se a condemnação da ré no grau maximo do artigo que se julga mais conveniente.

## POESTAS.

### Porque ?

Sósinha á janella, que linda tu 'stavas,  
E a lua fitavas com timido olhar,  
C'os olhos immoveis, quão brando teu riso  
Eu vi indeciso em teus labios pousar.

Que linda que estavas!  
Que estrella fitavas  
No largo horizonte ?

Que nuvem foi essa,  
Que nuvem espessa  
Pousou-te na frente ?

Eu vi o teu rosto contente expandir-se....  
Mas logo sumir-se teu riso de amor....  
Que foi, ó donzella ? que foi que sentiste ?  
Porque te cobriste de extremo pallôr ?

Porque por tristeza  
Mudaste a belleza,  
Que tinhas na frente ?  
Que nuvem foi essa,  
Que nuvem espessa  
Passou no horizonte ?

Acaso tu viste na aerea paragem  
Passar minha imagem sorrindo p'ra ti ?  
Julgaste meus versos impuros, mentidos  
C'o vento perdidos, deixados por mi ?

A nuvem espessa,  
Que vaga atravessa  
No espaço do céu,  
Tu bem a conheces,  
Por isso entristeces,  
Donzella,--sou eu.....-- N.

### A minha J....

E's alva como um jasmim,  
E's tão linda como a rosa ;  
E's um anjo... e como elles,  
E's em tudo primorosa !

A belleza de teu rosto  
Seduzio meu coração;  
O teu olhar meigo e terno,  
Me infundio grande paixão.

O teu collo delicado,  
O teu porte magestoso,  
Tuas graças, teus encantos !...  
Tudo contemplo gostoso.

Cativando-me esses dons  
Com que dotou-te a natura,  
Sendo eu por ti amado  
Farias minha ventura.

Sem hesitar um momento,  
Declarei-te o meu amor !  
E ouvi dos labios teus  
Um-Sim cheio de pudor.

Laguna.

Z. O. R.

Typographia Catharinense  
de Germano Antonio Maria Avelim. Rua Augusta  
N. 23. — 1862.